

A SURDEZ COMO POSSE, COMO NÃO DEFICIÊNCIA: O SER-PARA-OUTRO, A DESENCASULAÇÃO DO EU-NÓS

La sordera como posesión, como no deficiencia:
el ser-a-otro, la descapullación del yo-nosotros

Israel da Silveira Goulart³

Os problemas da surdez são muito profundos, mais complexos e mais importantes que os da cegueira. A surdez é o maior dos infortúnios, a perda do mais vital dos estímulos: o som da voz que nos traz a linguagem desencadeia-nos os pensamentos e nos mantém na companhia intelectual dos homens.

Hellen Keller

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

A surdez – considerada uma deficiência: falta ou limitação – é, para nós, não uma falta ou limitação, mas posse: o surdo *possui* ausência de audição. Sendo, assim, o surdo é enxergado, por nós, não como deficiente, mas como o outro, o diferente. E o outro, o diferente é, na maioria das vezes, percebido como aquele que é exterior a nós: o

³ Licenciando em filosofia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: israel.goulart@gmail.com.

*nós-eu*⁴: o estranho, o diferente. Ao tentarmos enxergar o surdo como não deficiente – aquele que *não* possui o sentido de audição - vemo-lo como aquele que *possui* algo que não possuímos. Por isso, diferente. Não diferente no sentido de negação, mas no sentido ontológico do *ser*. alguém possuidor de possibilidades diversas a nós. E isto é motivo de orgulho, orgulho de o surdo perceber que é *possuidor*. Ser visto como outro-diferente, porém visto, percebido, ouvido com ética. Ao fundamentarmo-nos em Hellen Keller, surda-cega; Leland Emerson McClerary e Enrique Dussel, que nos propõem sair do *nós-eu*, apostando na exterioridade para possibilitar um diálogo ético com o outro, poderemos perceber que, como afirma o filósofo argentino, "(...) o Outro (*autrui*) é a fonte inicial de qualquer discurso essencialmente ético (...)". Aqui olharemos o surdo não como o estranho a *nós-eu* - pseudo-normais – mas como o outro, o diferente *não* negado como *ser*, mas como pessoa que é e, portanto, possuidor daquilo que não possuímos: a ausência da audição. Poderemos perceber que o diálogo é possível, necessário para que *nós-eu* possamos ouvir – e ouvir palavras ditas com as mãos – palavras que, de modo algum, são inferiores às palavras faladas, vocalizadas.

Palavras-chave: Surdez. O outro. Diferença. Orgulho.

RESUMEN

La sordera - considerada una deficiencia: falta o limitación - es, para nosotros, no una falta o limitación, sino posesión: el sordo *tiene* ausencia de audición. Siendo así, el sordo es visto, por nosotros, no como deficiente, sino como el otro, el diferente. Y el otro, lo diferente es, la mayoría de las veces, percibido como aquel que *es* exterior a nosotros: el *nosotros-yo*: el extraño, el diferente. Al tratar de ver al sordo como no deficiente – el que *no* tiene el sentido de audición - lo venimos como aquel que *posee* algo que no poseemos. Por ello, diferente. No diferente en el sentido de la negación sino en el sentido ontológico del *ser*. alguien poseedor de posibilidades diversas a nosotros. Y esto

⁴ Terminologia cunhada por mim para designar o *nós* e o *eu* como aqueles que determinam o conceito de eficiência, deficiência ou estranhamento em relação a tudo que é considerado diferente – o outro – fundamentados em padrões determinados por uma sociedade em que o outro é estranho à ela. Por isso, o diálogo é, senão impossível, restringido, partindo esta restrição desta sociedade: o *nós-eu*. O *nós-eu* será entendido como o *eu* inserido em uma sociedade *nós*, no sentido de que o *eu* é em certa medida, produto do *nós*, sociedade anterior ao indivíduo *eu*. O contrário do *nós-eu*, será o *nós-nós*. O *eu* e o *outro* inseridos, eticamente, nesta sociedade, agora, *percebedora* da importância da inclusão em detrimento da exclusão.

es motivo de orgullo, orgullo de que el sordo perciba que es *poseedor*. Ser visto como otro-diferente, pero visto, percibido, oído con ética. Al fundamentarnos en Hellen Keller, sorda-ciega; Leland Emerson McCleary y Enrique Dussel, que nos proponen salir del *nosotros-yo*, apostando por la exterioridad para posibilitar un diálogo ético con el otro, podremos percibir que, como afirma el filósofo argentino, "(...) el Otro (*autrui*) es la fuente inicial de cualquier discurso esencialmente ético (...)". Aquí miraremos al sordo no como el extraño a *nosotros-yo* – pseudo-normales – sino como el otro, el diferente *no* negado como *ser*, sino como persona que *es* y, por lo tanto, poseedor de lo que no poseemos: la ausencia de la audición. Podemos percibir que el diálogo es posible, necesario para que *nosotros-yo* podamos oír – y oír palabras dichas con las manos – palabras que, en modo alguno, son inferiores a las palabras habladas, vocalizadas.

Palabras clave: Sordera; el otro; diferencia; orgullo.

INTRODUÇÃO

Tentaremos discorrer sobre surdez. Tarefa, senão inglória, árdua. Afinal, somos ouvintes. E ouvintes alcançaríamos o universo do surdo? Acreditamos que sim. Procuraremos ser *não*: não surdos – os que preferem não ignorar, os que preferem *não* se enclausurar (ou *encasular*) no *nós-eu*: exteriorizar, sair do *nós-eu* preconceituoso para tentar penetrar em um universo diverso, estranho. Para sairmos do *nós-eu*, tentaremos ver o surdo como o outro, o diferente, como não *negação* do seu ser, mas como aquele que é no sentido mais conceitual do termo. Pretendemos pensar – e fazer pensar – sobre algo que nos é estranho. Não compreendemos, portanto, o outro, o diferente. Precisaremos, para tanto, entender o que é outro, diferença, deficiência, surdez. Partindo do entendimento destes conceitos, conseguiremos entender o surdo.

Teremos como base, para nossos escritos, o texto *O orgulho de ser surdo*, de Leland Emerson McCleary, texto este que tivemos contato por intermédio do professor de Libras, mestre e doutorando

Tiago Ribeiro, que nos permitiu entender, um pouco, o universo do surdo e nos despertou interesse e sensibilidade às suas lutas e conquistas. Utilizaremos, também, um texto de minha autoria apresentado quando frequentamos a disciplina de Libras com o professor anteriormente citado. Usaremos como fundamentos, ainda, informações coletadas de modo diverso que, no nosso entendimento, poderá nos conduzir em árdua senda rumo à apreensão e, até mesmo em certa medida, acesso ao universo do surdo.

Esperamos, portanto, conseguir nosso intento e contribuir, de certa forma, com as lutas e futuras conquistas daqueles que nós, ouvintes, aprendemos a denominar *deficientes* por serem surdos.

O outro, segundo o Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano (1998), é definido como um dos cinco gêneros do ser. O outro, como *ser*, é, portanto, supremo: se a negação do ser é o não ser, o outro poderia ser entendido como *não ser* por ser diverso àquilo a que se refere. Mas, ao contrário disto, o outro é um *ser* supremo no sentido ontológico do ser. Logo, o outro é diferente. Isto posto, podemos entender que o outro não pode ser negado. Pelo contrário, o outro é aquele que é diferente. Não um *não ser*, aquilo que não existe, que, portanto, pode ser negado. O outro é diferente. Por isso, *autre*, segundo Abbagnano (*idem*); *autrui*, segundo Enrique Dussel (2015, 49).

O outro é diferente. Como *outro*, pode ser entendido como aquele a que nos referimos não *sendo*, em si, o contrário do que percebemos, diferente no momento que *nos* percebemos como pessoa, como *centro* daquilo que está à nossa volta. O outro, sendo negado, é diferente. Se é de nós, diferente, nos é estranho. E o que nos é estranho, ignoramos. Pior: excluímos.

O diferente (*ibidem*) – alteridade (*autre, autrui*) – só pode ser considerado assim se tem em comum com o que é comparado, algo: têm, em si, a mesma forma com algumas características que os distinguem. Portanto, o conceito de diferente é, às vezes – ou na maioria das vezes –, entendido como aquilo que é contrário e, até mesmo, a negação do que é percebido, aceito como correto por determinado padrão preestabelecido pelo *nós-eu*. O diferente tem o mesmo significado conceitual que outro. Portanto, o diferente é considerado *o outro* e negado como pessoa que *é*. Sendo negado, não existe: ignorado. E são negados os diferentes porque não pertencem

a determinado padrão imposto pelo *nós-eu*. Se é diferente, não possui nossas qualidades, possibilidades. Logo, deficiente.

O deficiente é a negação do eficiente. E eficiente é, ainda segundo Abbagnano, aquele que é adequado a determinada função. Definição vaga, portanto. O que pode determinar – ou não – a eficiência ou deficiência de alguém podem ser diversas variáveis: oportunidades, por exemplo. Duas pessoas perfeitamente idênticas podem ser eficientes ou deficientes em suas funções. Isso poderá ser determinado pelas oportunidades oferecidas a ambas: a primeira poderá ser eficiente ou deficiente em relação à segunda se lhe for oferecida oportunidades diversas a esta. Portanto, deficiência não deverá ser, efetivamente, rótulo dado a alguém que não possua – em condição “normal” – determinado sentido, dificuldades de locomoção entre outros, no caso específico, a audição. Existem surdos que são tão ou mais eficientes que ouvintes no exercício de funções comum a ambos. Portanto, definir alguém como deficiente é algo que *nós-eu* fazemos por entendê-lo, enxergá-lo como o *outro*, como diferente no sentido de negação do *nós-eu*: por isso, deverá ser negado, execrado, excluído: guetificado.

O surdo nos é estranho. *Possui* ausência, perda ou dificuldade de audição. Surdo: o que *não* ouve, *ouve pouco*, *não* tem ou *perdeu* a audição. E o surdo é o *outro*, o que *não* possui ou possui *pouco*: o contrário do *nós-eu*. Mas o surdo não é apenas aquele que possui ausência de audição ou a surdez involuntária. Pode ser aquele que possui a surdez voluntária: o que se nega a ouvir. E os que podem se negar a ouvir são o *nós-eu*.

Enrique Dussel, filósofo argentino, em sua obra *Filosofia da libertação – crítica à ideologia da exclusão*, nos constrange a pensar no *outro*, o não *nós-eu*. Escreve: “O discurso tomará como ponto de partida – pelo menos pedagogicamente e de modo abstrato – a ‘intuição’ de Lévinas de que ‘O outro’ (*autrui*) é a fonte inicial de qualquer discurso possível (grifo nosso), essencialmente ético, e a partir da ‘exterioridade’” (2015, 49).

Dussel é extremamente feliz ao incluir nestes escritos as palavras *outro* e *exterioridade*. A exterioridade – sair de si, do *nós-eu* – é o que nos possibilita estar em contato com o *outro*, com o diferente, com o *não nós-eu*: saindo do *nós-eu* entraremos em con-tato

com o outro, o diferente. Necessário, portanto, não sermos surdos voluntários: os que não querem ouvir, o que ignora o outro por tê-lo como diferente, como negação, deficiente por *possuir* – no caso em questão – a ausência do sentido da audição. Ao nos exteriorizarmos, ao abandonarmos o casulo do *nós-eu*, temos – ou podemos ter – um discurso essencialmente ético, de acordo com Dussel, com o outro. Ao perceber o outro, o diferente como parte integrante do *eu-nós*, o diálogo ético será possível; o outro, o diferente não será negado: será compreendido como uma forma diversa de existência no mundo. No caso específico, por possuir ausência de audição, possuidor de uma outra experiência: uma experiência visual diversa a do *nós-eu*, não será considerado deficiente por não possuir, mas eficiente por possuir. Possuir aquilo que o *nós-eu* não possui. Aquilo que o *nós-eu*, dentro de um padrão restrito, determinou o que seria – ou não – eficiente, o que seria estranho, outro, diferente, por não pertencer a este padrão preestabelecido por motivos – pelo menos – controversos, questionáveis: não seremos *nós-eu*. Seremos *nós-nós*.

Hellen Keller, surda-cega, nasceu em 1880 e faleceu em 1968. Com formação em filosofia, foi a primeira pessoa, em tais condições, a obter um curso superior; era conferencista e escritora. Suas palavras possuem, portanto, autoridade. Talvez um pouco amargas: “A surdez é o maior dos infortúnios (...)”. Não fosse sua primeira professora – Anne Sullivan –, Keller seria apenas mais uma criança digna de dó. Talvez, considerada perturbada psicologicamente dado as suas crises de gritos e acessos de mal humor: *desorgulhosa*. Essa pequena biografia nos remete, senão nos traz, à nossa realidade ou à realidade de grande parte de nós: surdos voluntários, aqueles que negam o outro, o diferente, o surdo. Enclausurados (ou *encasulados*) no *nós-eu*, não percebemos – ou não queremos perceber – o outro como aquele que não é o nosso contrário, mas uma extensão de nós. Urge, portanto, abandonarmos o *nós-eu*:

(...) Ser-para-Outro não precisa sugerir nenhuma finalidade, nem mesmo implica um posicionamento anterior ou valorização de um determinado valor. Ser-para-outro equivale a ser bom. O fato de que existindo para Outro, existo de outra maneira do que existindo para Mim, é a moralidade como tal” (DUSSEL, 2015, 72).

Leland Emerson McCleary, em seu texto *Orgulho de ser surdo*, nos propõe sair de nossa posição de ouvintes, tentar entender o surdo, abandonar o *nós-eu* e iniciarmos um diálogo à moda de Dussel. O fato de ter orgulho de ser surdo nos soa insolente... Orgulho de ser surdo: “Por que razão ter orgulho de ser surdo?” – Indaga, McCleary. “Como é possível ter orgulho de uma deficiência?” – questiona, novamente. “As pessoas podem ter orgulho de alguma coisa que elas têm, mas não de uma coisa que *não têm*, uma falta, uma deficiência”, conclui.

Percebemos em McCleary que a perda ou o não possuir o sentido de audição é uma deficiência, assim compreendida de um determinado ponto de vista. Para nós, no entanto, o surdo não é o que *não* possui. Pelo contrário: para nós, o surdo *possui* algo que não possuímos: a ausência do sentido da audição que os leva a perceber o mundo de forma diversa a nós, mas não de forma deficiente: uma experiência visual (SKLIAR, 1998). Com oportunidades e possibilidades dignas como *ser*, o surdo será tão eficiente quanto os “*encasulados*” *nós-eu*, deficientes em manter diálogos éticos, como afirma Dussel, não apenas com surdos, mas com outros, com diferentes, os quais, na maioria das vezes, negamos. Como já argumentado, não enxergamos o surdo como deficiente, mas diferente no sentido de não negação. A não deficiência do surdo poderia ser comprovada se considerarmos a trajetória acadêmica de Hellen Keller. Surda-cega, graduou-se em filosofia e era conferencista: eficiente. Remete nossos pensamentos às nossas deficiências: o *nós-eu* talvez não possa orgulhar-se de ser eficiente: nem sempre somos capazes, como afirma Dussel, de “Ser-para-outro”, o que “equivale a ser bom”.

McCleary fala como deverá ser o orgulho do surdo: “O orgulho que é uma coisa pessoal é ruim. É chamado de arrogância (...). O orgulho saudável é um valor social que compartilhamos com outras pessoas, com uma comunidade”. Para McCleary, a organização e o orgulho comunal são imprescindíveis para a obtenção de conquistas de direitos e do orgulho sublime como o de Anne Sullivan, Hellen Keller e, por que não, do próprio McCleary. Todos conseguiram “Ser-para-outro”. Annes Sullivan, educando Hellen Keller, foi orgulhosa *comunalmente* arrebatando-a das trevas; Hellen Keller, ativista social, como reconhecimento do seu “Ser-para-outro”, entre várias, recebeu a comenda Cruzeiro do Sul, oferecida

a ela por nosso país; McCleary, professor da USP, pesquisador de novas tecnologias aplicadas à educação (Escola do Futuro) e coordenador do grupo de pesquisa Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura, História, que há anos pesquisa as interfaces entre a linguística e sociolinguística e a educação de surdos, por sua vez, *comunalmente*, tem concedido a muitos a possibilidade de inclusão através de incansável trabalho na área de educação dos surdos.

O orgulho de ser surdo, a percepção – não da perda ou do não possuir o sentido da audição e, sim, a percepção de possuir o sentido da não audição –, o Ser-para-outro que equivale a ser bom, o *desencasular* do *nós-eu* possibilitará o diálogo à moda de Dussel, o diálogo ético entre o *nós-eu* e o outro, o diferente. Agora, não negado, um *ser*, um como *nós-eu*: seremos todos, *nós-nós*.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. PDF.
- DUSSEL, E. *Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão*. São Paulo: Paulus, 2015.
- KELLER, Hellen. https://www.ebiografia.com/helen_keller/. Acesso em: 18 jun. 2017.
- MCCLEARY, L. E. *O orgulho de ser surdo*. <http://wp.ufpel.edu.br/areadelibras/files/2012/04/OrgulhoSurdo.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.
- SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- O que é a surdez. *Audição.org*. <http://salubris.com.br/o-que-e-a-surdez/>
<http://salubris.com.br/o-que-e-a-surdez/>.
- Orgulho. <https://www.sinonimos.com.br/orgulho/>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- Surdez. https://www.google.com.br/search?q=o+que+e+surdo&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR729BR729&oq=o+que+e+surdo&aqs=chrome..69i57j0l5.4952j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8#q=defini%C3%A7%C3%A3o+de+surdez. Acesso em: 18 jun. 2017.
- Surdo. https://www.google.com.br/search?q=surdo&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR729BR729&oq=surdo&aqs=chrome..69i57j0l5.2847j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8#q=o+que+%C3%A9+surdo. Acesso em: 18 jun. 2017.